

## **Texto de divulgação científica**

Aluna: Maria Fernanda Milan Calegari (2021.1.44.007)

Professora: Táise Simioni

Disciplina: Linguística II

### **Título: Relatividade linguística**

*“Os limites da minha língua são os limites do meu mundo”*

Ludwig Wittgenstein

Será que a língua que falamos pode moldar o nosso pensamento assim como acontece no filme *A chegada* (2016)? A resposta para esse intrigante enigma pode ser encontrada no campo da Linguística Cognitiva, um ramo da linguística que estuda a interação entre linguagem e processos cognitivos, explorando como a linguagem reflete e influencia o pensamento humano. A Linguística Cognitiva, em contraste a abordagens mais tradicionais, argumenta que a linguagem desempenha um papel ativo na construção do significado e na organização da experiência.

Segundo Fiorin (2002, p. 56), “[...] as palavras formam um sistema autônomo que independe do que elas nomeiam, o que significa que cada língua pode categorizar o mundo de forma diversa”. Assim, pode-se afirmar que nenhum ser no mundo pertence a uma determinada categoria, “[...] os homens é que criam as categorias e põem nelas os seres” (Fiorin, 2002, p.57).

### **A influência da língua na percepção de mundo**

Imagine que cada língua é um filtro através do qual percebemos a realidade. Estudos revelam que diferentes línguas estruturam conceitos de maneiras distintas, influenciando diretamente a forma como os falantes dessas línguas pensam sobre o mundo. Compreender a interconexão entre linguagem e pensamento tem implicações significativas em diversas áreas, desde a educação até a comunicação intercultural.

A Linguística Cognitiva revela que a língua que falamos não é apenas um meio de comunicação, mas um molde intrincado que dá forma à nossa compreensão da realidade. Vamos explorar mais profundamente a influência da linguagem na percepção do mundo.

## **O tempo**

Diferentes línguas abordam a temporalidade de maneiras únicas, moldando a percepção do passado, presente e futuro. O inglês, por exemplo, como muitas línguas indo-europeias, faz uma distinção clara entre passado, presente e futuro, utiliza tempos verbais específicos, como o passado simples ("I walked"), o presente simples ("I walk") e o futuro simples ("I will walk"), entretanto, o mandarim não possui conjugações verbais para indicar o tempo. A temporalidade é frequentemente indicada por meio de advérbios específicos, contextos verbais e expressões de tempo adicionais.

Outro fato curioso é a percepção da passagem do tempo de acordo com a cultura do idioma. A cientista cognitiva Lera Boroditsky, uma das pioneiras das pesquisas sobre como o idioma manipula nossos pensamentos, demonstrou que os falantes do idioma inglês, os quais escrevem da esquerda para a direita, tipicamente observam o tempo como uma linha horizontal, isto é, o tempo para eles pode estar para trás (passado) ou para frente (futuro).

No entanto, em contraste com o inglês, a escrita do mandarim é feita de cima para baixo, e, por consequência, seus falantes idealizam o tempo como uma linha vertical, onde o passado está em cima e o futuro para baixo. Assim, planejamentos futuros ficam para baixo, como, por exemplo, a frase “o natal está logo à frente” ficaria “o natal está logo abaixo”.

## **A passagem cíclica do tempo**

Para certas culturas, o tempo não se trata de uma linha linear, tal como foi tratado nos idiomas anteriores. Para estas culturas a noção de ciclos temporais transcende a linearidade convencional. Algumas línguas de tradições indígenas frequentemente articulam eventos em padrões cíclicos, refletindo uma compreensão de que o tempo é um ciclo perpétuo, onde passado, presente e futuro se entrelaçam como elos de uma corrente infinita.

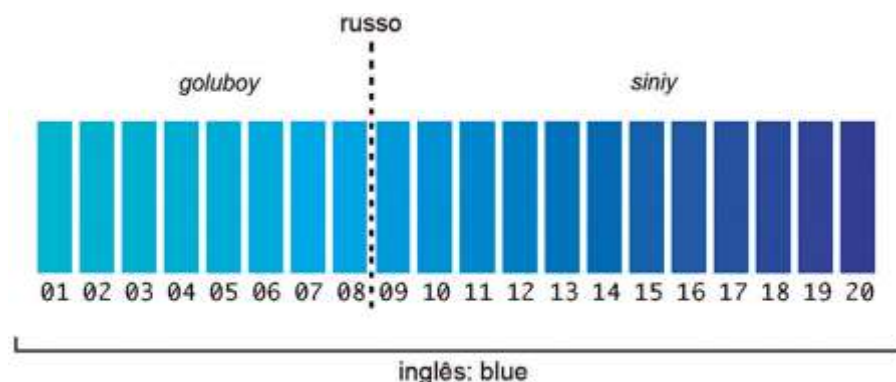
Isto é, para algumas culturas o tempo não se representa por uma linha reta horizontal ou vertical, mas sim por um círculo que indica a repetitividade do tempo, no qual, no final de um ciclo, outro se inicia. Isso põe em prova o pensamento de Fiorin

de que o homem não pertence a categorias, mas ele é quem as produz, pois, se há a variedade da representação de um mesmo tempo, é porque ele é apenas uma representação metafórica de algo abstrato que o homem precisou concretizar.

## Percepção de cores

A percepção de cores pode ser influenciada pela linguagem, e a linguística cognitiva explora como as características linguísticas moldam essa percepção. Cada idioma possui um conjunto único de termos e expressões para descrever cores, e essas diferenças linguísticas podem influenciar como os falantes percebem e categorizam as cores. Por exemplo: dentro do mandarim há várias categorias de branco, pois houve a necessidade de seus falantes de diferenciar tons desta cor e, por isso, há mais de um nome para o que nós, falantes do português, entendemos como uma única cor.

Outro exemplo da relatividade da cor é o azul. Em inglês, a categoria *blue* inclui o que em russo são duas categorias: *goluboy* (azul claro, aproximadamente) e *siniy* (azul escuro, aproximadamente), como apresenta a tabela abaixo:



Fonte: Adaptado de Winawer et al. (2007).

Em resumo, a percepção de cores é uma área fascinante onde a linguagem desempenha um papel ativo na formação da experiência visual e cultural de cada indivíduo.

## Conclusão

Voltando à questão inicial, se a língua que falamos pode moldar o nosso pensamento, podemos concluir que, segundo a linguística cognitiva, a linguagem

exerce uma influência significativa na maneira como pensamos (bem como a maneira como pensamos influencia a linguagem), percebemos e nos comunicamos com o mundo ao nosso redor, portanto entender esta relação entre linguagem e pensamento não apenas enriquece a implicação das práticas na formação de mentalidades, como também promove a compreensão entre diferentes idiomas e culturas. Assim sendo, a Linguística Cognitiva continua a desvendar os intrincados mecanismos dessa interação, abrindo portas para uma compreensão mais profunda da mente humana e de como a linguagem é intrinsecamente entrelaçada com nossa experiência perceptual.

## REFERÊNCIAS

ALVES. Ariane. In: exame: **“A língua que você fala pode determinar como vê o mundo”**. São Paulo, SP. 6 Nov. 218. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/a-linngua-que-voce-fala-pode-determianar-como-ve-o-mundo/> Acesso em: 26 Dez 2023.

FERRARI. Lilian. In: Roseta: **“O que é análise do discurso? Como pode ser usada? e o que a difere de uma análise gramatical?”**. ABRALIN(Associação Brasileira de Linguística). V.3.N1. 2020. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/tag/v-3-n-1-2020/> Acesso em: 26 Dez 2023.

FIORIN, J. L. **Introdução à linguística I**. São Paulo: Contexto, 2002.

KREBS. Luciana Monteiro. LAIPELT. Rita do Carmo Ferreira. In: Scielo: **“Teoria da linguística cognitiva para pensar a categorização no âmbito da ciência da informação”**. Porto Alegre, RS. Jan. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/chbTXKpnwqPjxqF3zjNMKSh/#> Acesso: 26 Dez 2023.

WINAWER. Jonathan. et al. In: Pnas: **“Russian blues reveal effects of language on color discrimination”**. Proceedings of the national academy of sciences of the United States of America. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/abs/10.1073/pnas.0701644104> Acesso: 26 Dez 2023.

SAMPAIO. Thiago Oliveira da Motta. In: blogs.unicamp: **“A língua alienígena de ‘A Chegada’ pode nos dar o superpoder de prever o futuro?”**. Linguística. Blogs de ciência UNICAMP instituto de estudos da língua. 21 Abr 2019. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/liguistica/2019/04/21/a-lingua-alienigena-de-a-chegada-pode-nos-dar-o-superpoder-de-prever-o=futuro/> Acesso em: 26 Dez 2023.